

CORPO PRESENTE

Marília Diaz ◦ José Cavalhero

11 de dezembro 2025
a 20 de fevereiro 2026

exposição

CORPO PRESENTE

Marília Diaz ◦ José Cavalhero



Nós, Marília Diaz e José Cavallhero, habitamos a mesma residência artística em Portugal e foi daí que o nosso encontro aconteceu. Tornamo-nos vizinhos de nossas *casas-memórias* a cada vez que compartilhávamos nossas histórias. Naquelas visitas, o que se fazia fora, adentrava, penetrava e o que estava no interior, aflorava. Surgiu então o alicerce de uma parceria artística que fez das memórias vividas nas casas, a gênese do projeto. São as casas que abrigaram os hábitos de quem nela habitou, são casas que planificaram (in)cômodos subjetivos e acomodações objetivas, o que faz com que os afetos singulares confirmassem o endereço originário de suas moradas até então invisíveis, mas nunca imperceptíveis. Por isso, a partir de nossas *histórias-moradas*, escolhemos dar diversas visibilidades para as casas que nos habitam na atualidade.

A pluralidade de afetos compartilhados, nos propiciou basear nosso projeto expositivo na abrangência de expressões visuais por meio de múltiplas linguagens como cerâmica, *readymade*, bordado, fotografia, colagem, desenho, pintura entre outros, envolvendo-nos em procedimentos artísticos de pesquisa qualitativa, bibliográfica, levantamento de fotografias dos acervos pessoais até de nossos desenhos enquanto crianças. Durante esse processo, foram elaborados textos sobre as impressões calcadas nas memórias de cada artista. Estes escritos se materializaram em forma de cartas destinadas para as casas que habitamos ou que nos são caras.

A ideia desse proceder foi de experienciar-mos poeticamente as atualizações de nossas memórias que revelam indícios de nossos passados para incidirmos na transposição das fronteiras de um tempo lógico, outros pontos de vista sob a mesma história.

Marília Diaz
José Cavallhero



Lastro Corporal

*A casa adormeceu...
Oíço o ligeiro martelar dos toques da sombra...
"A casa". Abade Joaquim de Flora*

Na condensação de memórias está a nascença, a multiplicação de presenças, os ritos e costumes, as passagens e as frestas. A casa é onde está tudo o que sou. Lugar das lembranças para tornar caro. O ranger do chão, a luz espalhada, os ritos de aparecimento e morte, as palavras não ditas, os odores e gostos. Pormenores da domesticidade, da ancestralidade.

Questões abstratas materializam o espírito, formam o caráter de um lugar.

Presentemente, sou o que da casa me habita.

Um novo imaginário se conforma. O imaginário do regresso, onde a casa, na deslocação, multiplica-se em sete corpos.

Compartilhando as peles de Hundertwasser nos limites do dentro estão a célula geradora da vida, o corpo materializado, a roupa – que também abriga –, a casa, a cidade, o planeta e o túmulo, extrema morada. Caminham na mesma polaridade. São todas casas.

Para materializar estas apreensões, lanço mão da linguagem dos têxteis e da cerâmica. Em tecidos, bordo as casas que me são caras: a casa em que fui concebida, aquela em que nasci, onde passei a infância, e aquela onde morei na juventude. As casas que compartilhei com mais de um, as casas em que fui educada, em que trabalhei... A casa primeva, a casa de meus avôs maternos, matriz de todas as outras. A arqueologia familiar fala do tempo progressivo, mas também do cor + còvado = para onde eu vou. Futurar.

Com as pastas cerâmicas modelo os sete corpos, as sete casas. Repito à exaustão. Submetidas ao fogo em diferentes temperaturas, ganham outra materialidade na multiplicidade de cores. A casa é elevada a espaço de silêncio, ao extraordinário para uma nova reelaboração, para a invenção de um outro lugar. O lugar da memória.

Nomino, com a alcunha das mulheres que me precederam, as casas que me são caras. E escrevo cartas como uma forma de intensificar a presença mnemônica e a afeição. Não espero resposta. São todas espectros.

Marília Diaz
Terra - Seixal - Outono - 2025



Corpo-casa (ou Casa-Corpo)

Escrever cartas está fora de moda. Essa prática milenar, que se perdeu na era das comunicações digitais, é também um gênero literário, o epistolar, que participa da construção do “eu” moderno: espelho e invenção de si. Ao escrever, colocamos em palavras – transformamos em linguagem – sentimentos, memórias, angústias. Por meio das cartas que escreve, Marília Diaz nos oferece um bocado de sua história, da sua interioridade.

Contudo, o destinatário não é uma pessoa, mas uma entidade habitada e habitante: a casa, paisagem interior que constitui e atravessa a artista. No espaço expositivo, essas cartas ganham outras dimensões – configuram um gesto poético, uma forma estética endereçada a nós, público. Somos leitores-confidentes da sua narrativa. Arrebatados, vemo-nos dentro daquelas casas. Ouço o ranger das tábuas no chão. Testemunho íntimo que, compartilhado, revela a dimensão coletiva de tantas experiências humanas. Livro aberto. Campo da partilha, da palavra exposta, da memória que se oferece ao olhar. Casas habitadas que nos habitam, presentes no corpo. Corpo-presente.

O trabalho de Marília Diaz pede mais de uma linguagem; há sempre algo que resta, que não se deixa apreender por completo. Espírito inquieto, presença solar. Precisa transmutar sua imensidão por meio de várias formas. Os fazeres manuais – herança de Dona Mirtes, bordadeira daquelas – têm sido um potente meio de expressão. Na Casa da vó Marica, o labor das mãos mostra a delicadeza que sustenta o mundo. Um meio tão delicado, fino, frágil; uma representação tão robusta e estruturada. Matéria. Que irrompe na crueza dos bustos, presenças quiçá masculinas sem rosto, vultos que habitaram essas casas? Interlocutores silenciosos das cartas que ficam pelo caminho. Livro fechado. Aquilo que resiste em se tornar linguagem.

Mas é no manuseio do barro, com toda a ancestralidade dessa prática, que nossa artista encontra o caminho para destrinchar a sua questão. Qual é o meu lugar? O que guardamos na gaveta? A casa que conforma e encorpa também pesa. Doméstico vem do latim *domus*, casa. Já no verbo *domesticare* (tornar da casa, tornar familiar), pulsa uma tensão entre o gesto de acolher e o de dominar, amansar. A casa sem teto é aberta às intempéries das lembranças, mas também ao céu e à luz das estrelas. É nela que a artista encontra abrigo: no espaço onde o que falta é o que também sustenta.

Amélia Siegel Corrêa
Socióloga e Historiadora da Arte
Curitiba, outono de 2025



Conteúdo de arquétipos, 152 x 122 x 50 cm - armário de madeira com objetos significantes em cerâmica e bordados. Móvel - projeto Marília Diaz, execução Rafael Codognoto. 2025

Vó Marica

Minha querida Marica. Você está bem? Cuidado com o sol. Você se expõe muito a ele. Vai morrer seca.

Lembra do sangue de minha mãe e da marca do meu corpo na cama em que a senhora dormia? Ali passei a existir. Desesperançada pela parteira. Eu e a mãe sobrevivemos.

Rememoro o chão a ranger junto com os meus primeiros passos. Tábuas que retinham o calor do sol e a friagem do inverno. Todos os rituais que acolheu na cozinha. Confeitos nas bolachas de mel, o porco charqueado, o meu primeiro banho. O prantear pelos mortos. Tudo sobre a mesma mesa. No fogão a lenha, panela com pinhões, polenta brustolada, bolo de fubá assado coberto por brasas. Cheiro de pão.

Casa afável.

Recordo também os últimos dias do José, que te construiu, reformou, renovou. O corpo estendido na sala. Eu de conga. O sapato vermelho, único que tinha, foi proibido. Não expressava dor.



Casa primeva - 22 x 25 cm. bordado em papel rendado com fio de costura. Desenho - Marília Díaz; Execução - Claudia Lara. 2023

Tenho pensado tanto em você. Escrevo para contar-lhe o que Valter Hugo Mãe me disse sobre afeição: “Percebíamos isso no seu abraço. Eu dizia: dentro do abraço do avô. Porque ele se tornava uma casa inteira e acolhia.” E depois do desencarne do avô: “Senti ter ficado do lado de fora do abraço, a casa foi embora num mistério que me deixou temporariamente desabrigado.” Tão lindo, não é? Senti desse jeito a passagem do vô.

Quanto tempo eu permaneci no seu porão, brincando, sonhando, debulhando o milho, depenando aves. Senti tanto por não estar na cidade quando você foi desmanchada e levada da Vila Izabel para o São Lourenço. Como senti...

Um abraço morninho. Sei que não gosta, pois sabe amar de outros jeitos, mas envio mesmo assim. Obrigada por me cobrir em noites frias.

De sua neta Juliquinha.
Agosto de 2025.
Seixal, Portugal.



Sem Título, Instalação -móvel em madeira, parafuso de navio, ovo em cerâmica, ovo em pedra e ovo em cerâmica e metal, 146x30x23cm, 2025.

Vó Luiza

Armazém de Secos e Molhados Oliveira ou Chale da Luiza.

Como tem passado, vó Luiza? Ainda lava o rosto com água fria? A tez mais aveludada que já vi.

Veza ou outra manuseio suas fotos. Pergunto-me os porquês desses amores ali vividos.

Iniciou a vida como Armazém residência, empós restaurante. Depois fechada por décadas, tomada pelo pó, o mofo e os cupins. Sinto pesar.

A senhora presenciou os meus primeiros passos. Quebrou as balas duras com a pedra mais dura ainda. Tudo para adoçar a minha existência. Ouviu as nossas conversas ao pé da cama. Acompanhou o feitiço dos vestidos da Meiguinha, minha boneca preferida. Até os dias de hoje, tenho presente o padrão xadrez verde e azul.

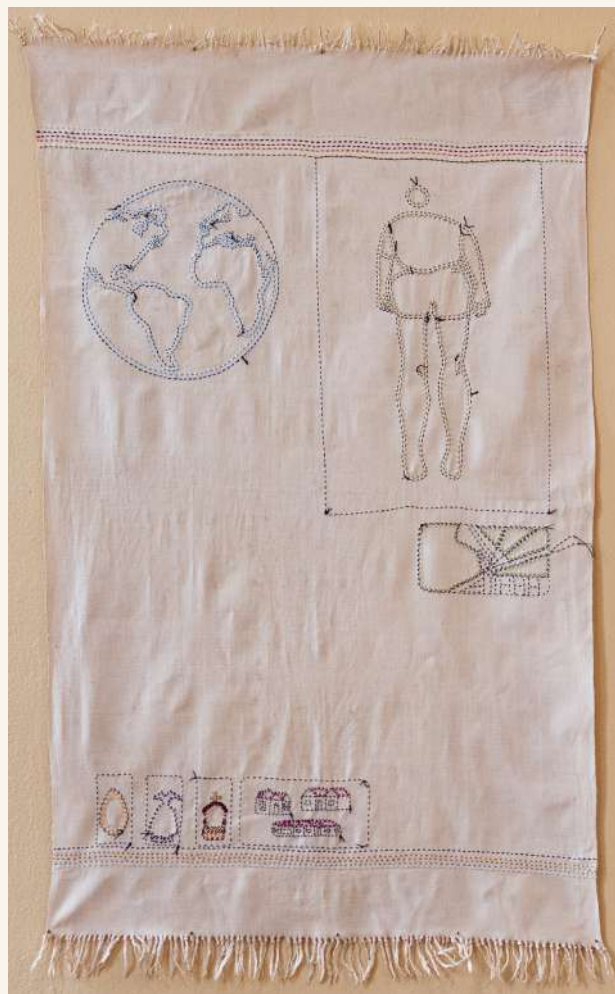
A senhora cheirava a leite de rosas e a pó de arroz.

Seguiu-nos quando demos milho para as galinhas. Eu e minha irmã. Ela imitando as aves. Depois, no médico, retiraram os grãos germinados do pequeno nariz.

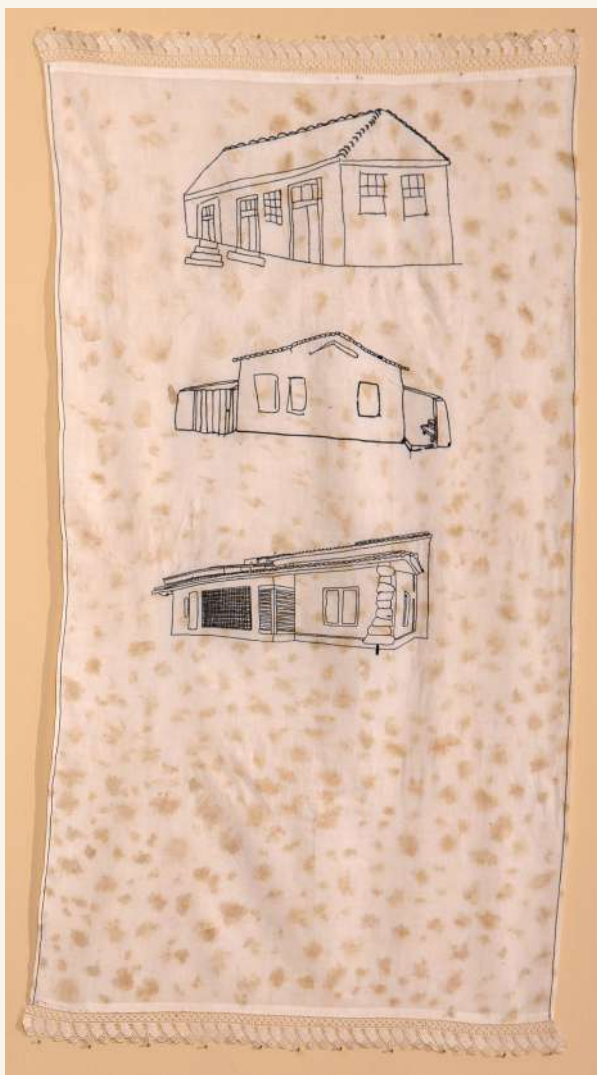
Preocupo-me com o caos da urbe. Com as demolições que arrastam e sepultam as estórias. Você, chale de madeira, resistiu por mais de cem anos.

Presentemente, posta no chão. A cerca me impede de revolver a terra e procurar vestígios.

Abraço terno da sua neta Marília.
Agosto de 2025.
Seixal, Portugal.



Sete Corpos, Sete Casas - bordado - 107x63,5cm. 2025



Significantes - Bordado de casas sobre toalha de banho de algodão -
74x143cm. 2024 Desenho - Marília Diaz, bordado - Mirtes Rossetto

Mirtes

Mime. Está tudo bem? Não tem inventado moda, tem? Você sabe que traz idade. Nonagenária.

Lembra que cantávamos quando estávamos chegando perto de você, nossa casinha pequenina? Suas paredes estalavam com a mudança de temperatura.

Edificada em madeira no sistema macho e fêmea. Esforço de meu avô, seu pai, e de meu tio, seu irmão. Tão limpa e organizada. Luz âmbar, sépia ao entardecer. Da soleira da porta até o fundo, o brilho do chão encerado de joelhos.

Sobre o caixão da lenha fiz as primeiras modelagens. Alfices crespas, pessoas, mobiliário... Móvel que ainda está comigo, guardando, ao invés de lenhas, lajotas e azulejos.

Percebi a passagem do tempo quando aos três anos e meio deixei o berço no quarto de meus pais para dormir, no espaço que antes era a sala, dando lugar a minha irmã, recém chegada. E um pouco mais tarde já não conseguia mais ficar sentada embaixo de você, junto ao pilar de tijolos. Cacos de louça e de bolas de Natal. Início do idear imaginoso.

O portão da frente no verão era palco de conversas e contatos com parentes e vizinhos. Cadeiras perfiladas. O portão, fulcro para devaneios. Como seria o mundo depois dele? O terreno ao seu redor, Mirtes, era sua extensão. O poço, as árvores frutíferas, o chão de terra batida, o terreiro.

Abraço amoroso, que sei que gosta, mas não sabe retribuir. Matriz das mulheres secas que te precederam. Jeitos outros de amar.

Da Tata, sua filha.
Agosto de 2025.
Seixal, Portugal.



O que me habita, bordado de todas as casas e edificações em que a artista residiu e trabalhou, 77x28,5cm, 2025, Desenhos - Marília Diaz, Bordado - Mirtes Rossetto.

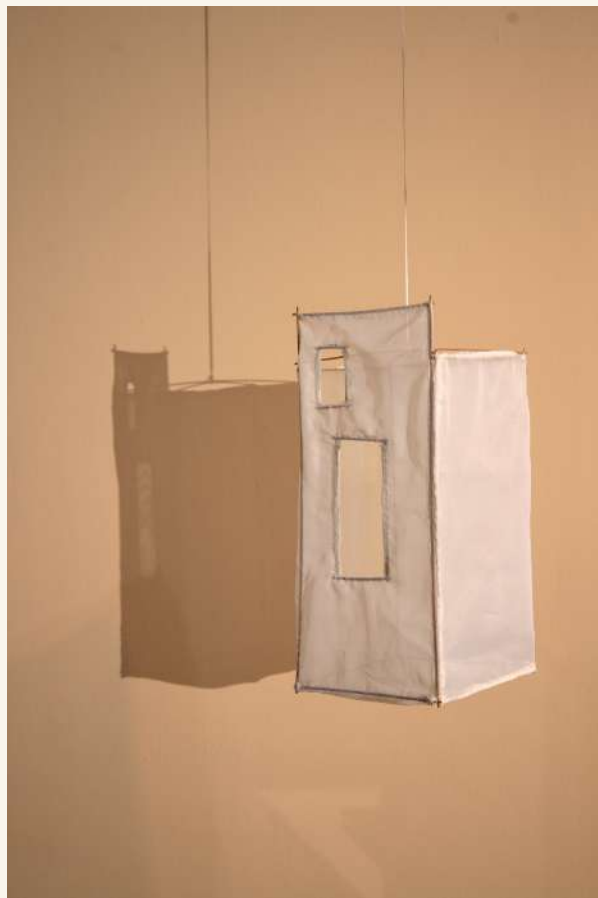
Marcas são formas de estremar posse, de representar uma entidade. Ferrar o gado, sinalizar objetos pessoais, mobília, ferramentas, portões, limites de propriedades rurais, sepulcros, edifícios majestosos, a própria pele. Usar selim, para lacrar ou autenticar documentos... Pôr sinal.

Houve um tempo, em que algumas casas apresentavam, em sua fachada, o nome de uma mulher. Geralmente o nome da única filha, da dona da casa, da esposa. Como não posso mais escrever nas paredes amadas, nomino então, com alcunhas, as mulheres que me forjaram e escrevo cartas para as casas em que nasci, caminhei, intuí, amei...





Casa, Objeto - Casa em cerâmica vitrificada sobre cubo de vidro sobre cubo de cerâmica, casa - 50x21x21cm, Cubo de vidro - 50x50x50cm, Cubo de cerâmica - 35x35x35cm, 2021.



Espectro, Objeto- construção em voal, 50x21x21cm, 2025, Projeto - Marília Diaz, Execução - Rafael Codognoto.



Multiplicação de Presenças, Instalação - Sete corpos em porcelana e tecido, corpos 19x42cm, Módulo de ferro - 170x132x30cm, 2024/25.



Sem título, Instalação - caixa em cerâmica vitrificada em alta temperatura com esferas em cerâmica vitrificadas em baixa e alta temperatura sobre tela metálica, 98,5 x 62 x 10 cm. 2025, Caixa - Projeto Marília Diaz, Execução Adriane Klingenfus.



Trajes, Instalação - cerâmica vitrificada e encerada sobre módulos de ferro com pacotes de roupas envoltos em voal, trajes 22cm, circunferência-30cm, Módulos de ferro - 140x40x40cm, Pacotes de roupas 40x40x16cm, 40x40x10cm, 2025.



Segunda Versão, bordado em voal recheado com fios, 107x63,5cm, 2025.



Registros imprecisos - Objeto - livros de porcelana vitrificada e aplicação de ferragens sobre módulo de ferro. livros - 25x20x4,5cm. Módulo - 100x50x30cm. 2025



Sem título, Objeto - pregos em cerâmica, 48cm e 50cm,
circunferência -13cm, 2025.



Uma espécie de chave - Objeto - Caixa de madeira com fundo em tecido adamascado e chaves de cerâmica e metal - 54x41x10cm. 2025



Conteúdo, Instalação - móvel em madeira pintada com sete figuras femininas em cerâmica, móvel - 162x96x50cm, figuras- 30cm, circunferência - 23cm, 2025, Projeto do móvel - Marília Diaz e Rafael Codognoto, Execução do móvel - Rafael Codognoto.



Detalhe da instalação *Continente*



Sem título, Instalação, Placa de cerâmica com flores -39x79x3cm, Estrutura metálica -
151x73x38cm, flores em cerâmica de tamanhos diversos, 2025.

Marília Diaz



Marília: mar e ilha. Nome que evoca pertencimento e travessia.

Por desejo materno, descobriu na essência a vocação de professora, função que exerceu ao longo de 36 anos.

Por vontade própria, escolheu a formação em Educação Artística e Pedagogia, com Mestrado em Educação.

Nas deslocações, encontrou a cerâmica e os têxteis para se fazer artista.

Teve encontros seminais com Norma Grinberg, Célia Cymbalista, Ilo Krugli, Fanny Abramovich, Francisco Stockinger, Poteiro, Fernando Hernandez, Gustavo Perez, Teca Sandrini entre outros. Referências.

Participou de 70 exposições coletivas, 11 exposições em dupla e 13 exposições individuais. Possui obras em acervos de 9 museus. Já recebeu 5 prêmios pelo seu percurso na Arte e na Educação.

Membro da *International Academy of Ceramics* (Suíça) e Membro Correspondente da Academia Cabedelense de Ciências, Letras e Artes (Paraíba, Brasil). É autora de 26 livros, dos quais 17 infantis, 6 em parceria e 5 sozinha.

Participou da Residência Artística no Armazém 56 em 2022 e 2023, na Mundet no Seixal, em Portugal, onde também vive e trabalha.

<http://lattes.cnpq.br/3604500144247091>

Site: <https://mariliadiaz8.wixsite.com/website>

Instagram: @marília.diaz.art



Moradas do Afeto

*O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora.*

Mia Couto

Costumeiramente, visitava minha mãe na casa que abrigou a maior parte da minha adolescência. Lembro-me de um mês quente de 2009, quando percorri seus cômodos numa visita guiada pela memória, lenta e imprecisa, que me permitiu reencontrar o passado e projetar imagens silenciosas entre as mobílias.

Na estante, surpreendi-me ao ver a pequena enciclopédia que sempre nos acompanhou em cada mudança. Poderia ser um diário das nossas itinerâncias. Ao abrir um de seus tomos, sem buscar nada específico, saltou-me aos olhos a ilustração do verbete “CASA”: uma gravura em preto e branco, composta por linhas e texturas, publicada nos anos 1960.

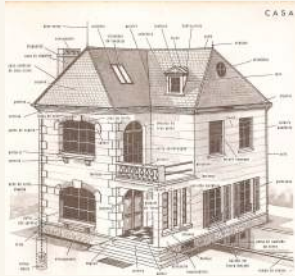
O que via já não era apenas uma imagem impressa, mas a memória das moradas da infância. A pequenina casa estampada em papel, que nunca pude adentrar e que, de algum modo, sempre me habitou, deixava ver apenas parte de sua fachada, observada por um ângulo suspenso que projetava uma perspectiva pouco costumeira. Levei a enciclopédia ao ateliê e deixei-me conduzir pelo desejo de dar visibilidade aos afetos que emergissem daquela nova morada.

Memórias invisíveis estão impressas como veladuras sobre a casa e sobre o meu corpo. São imagens que se fundem e se transformam até tornarem-se um só corpo. Reproduzi a gravura por diferentes técnicas e, por fim, dei-lhe nova morada: tornou-se uma casa *ex-posta*, abrigada num relicário iluminado por luz âmbar.

A partir da imagem original, surgiram novas possibilidades e sínteses gráficas que alteraram a figura da casa, construindo outros sentidos e profundidades. Essas visibilidades nasceram da busca por um novo modo de habitar a imagem, antes do imaginário infantil e agora do artista.

São trabalhos e habitações em plano bidimensional, com fotografia, colagem, impressão, desenho e pintura, que nasceram de encontros entre o visível da ilustração e o invisível dos afetos. Assim, libertamos de certas determinações: eu, da lembrança dos fatos; a imagem, do verbete enciclopédico. Juntos, criamos um terceiro corpo, um CORPO PRESENTE, sustentado pela força originária e pela curiosidade em saber o que podem a imagem e a memória, juntas, reinventar no porvir de suas dobras.

José Cavallhero
Seixal, sob o sol de outono - 2025



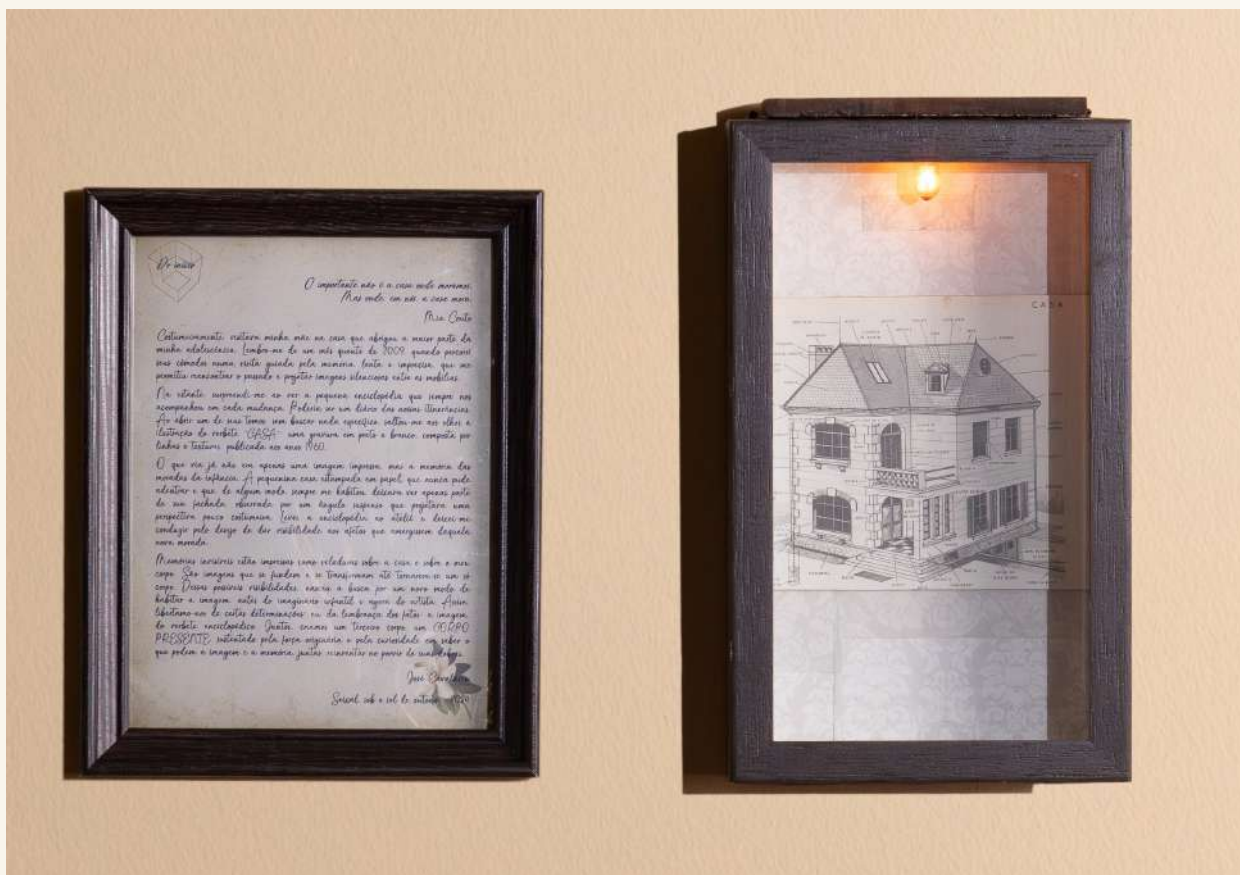
Corpo Presente, Casa Persistente

A obra de José Cavaleiro nasce sempre de um retorno a uma vibração íntima que insiste em permanecer. A memória e as casas da infância são o motivo, a matriz, o centro gravitacional de sua prática. Desta fonte surgem pinturas, desenhos e instalações como uma imagem que retorna sem descanso, sempre igual e sempre diferente, como uma memória que tenta manter-se nítida enquanto o tempo a desgasta. A casa que se repete, aquela encontrada na antiga enciclopédia da família, tornou-se um ícone pessoal, a síntese de todas as suas casas que habitou até a vida adulta. Interessante notar que o tema da primeira pintura que José realizou, ainda menino, aos dez ou onze anos, era uma paisagem com uma casa serena em primeiro plano, uma espécie de prenúncio do que seria sua matéria fundante e emblema interior.

Em *Corpo Presente*, estão reunidas obras e fotos antigas que em seu conjunto nos remete a uma investigação. Fotografias antigas do artista quando habitava esses espaços de infância atravessam as obras, ora insinuadas, ora incorporadas, ora avizinhas. O corpo do menino, carregado no colo, sentado na piscina vazia, pousando para a foto no corredor, reaparece como testemunha silenciosa. Ao entrelaçar imagem e corpo, José revela que a memória não é um depósito, mas um organismo que continua a pulsar e a se reinventar. O corpo do artista, convocado pelas fotografias, funciona como ponte entre os tempos, afirmando que a memória é sempre encarnada. A constante volta à casa e a momentos vivenciados parece buscar verificar o que mudou, para testar a resistência da lembrança, para medir o movimento da própria sensibilidade ao longo dos anos e essa repetição que, ao invés de produzir redundância, gera espessura. Cada reaparição da casa é uma pergunta sobre o que permanece e o que se transforma.

Suas casas, portanto, não são meras construções, mas estados de espírito. São zonas de passagem entre o que foi vivido e o que ainda insiste em viver dentro do artista. Cada trabalho de José Cavaleiro é um gesto de escuta. Escuta do menino que ele foi, escuta das casas que o abrigaram, escuta do que permanece no corpo mesmo depois que as paredes desapareceram. *Corpo Presente* revela que habitar é muito além de apenas viver num espaço, é permitir que ele se inscreva para sempre em nós.

Cristiana Tejo
Curadora Independente
Lisboa, Outono de 2025



1- Sem título, 20 x 15 cm. colagem eletrônica impressa sobre papel. 2025;
2- Sem título, 25X 15 x 5 cm. assemblagem com impressão sobre papel e iluminação elétrica. 2011

Do início

*O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora.*
Mia Couto

Costumeiramente, visitava minha mãe na casa que abrigou a maior parte da minha adolescência. Lembro-me de um mês quente de 2009, quando percorri seus cômodos numa visita guiada pela memória, lenta e imprecisa, que me permitiu reencontrar o passado e projetar imagens silenciosas entre as mobílias.

Na estante, surpreendi-me ao ver a pequena enciclopédia que sempre nos acompanhou em cada mudança. Poderia ser um diário das nossas itinerâncias. Ao abrir um de seus tomos, sem buscar nada específico, saltou-me aos olhos a ilustração do verbete “CASA”: uma gravura em preto e branco, composta por linhas e texturas, publicada nos anos 1960.

O que via já não era apenas uma imagem impressa, mas a memória das moradas da infância. A pequenina casa estampada em papel, que nunca pude adentrar e que, de algum modo, sempre me habitou, deixava ver apenas parte de sua fachada, observada por um ângulo suspenso que projetava uma perspectiva pouco costumeira. Levei a enciclopédia ao ateliê e deixei-me conduzir pelo desejo de dar visibilidade aos afetos que emergissem daquela nova morada.

Memórias invisíveis estão impressas como veladuras sobre a casa e sobre o meu corpo. São imagens que se fundem e se transformam até tornarem-se um só corpo. Dessas possíveis visibilidades, nasceu a busca por um novo modo de habitar a imagem, antes do imaginário infantil e agora do artista. Assim, libertamo-nos de certas determinações: eu, da lembrança dos fatos; a imagem, do verbete enciclopédico. Juntos, criamos um terceiro corpo, um CORPO PRESENTE, sustentado pela força originária e pela curiosidade em saber o que podem a imagem e a memória, juntas, reinventar no porvir de suas dobras.

José Cavalhero
Seixal, sob o sol de outono – 2024



1- Sem título, 30 x 21cm. colagem eletrônica impressa sobre papel. 2025; 2- Sem título, 18 x 24 cm. colagem eletrônica impressa sobre papel fotográfico. 2025; 5- Sem título, 21 x 26 cm. guache, lápis aquarela, carimbo e colagem sobre página impressa de enciclopédia. 2025; 6- Sem título, 34 x 53 cm - impressão, colagem em cartão. 2017; 3- Sem título, 18 x 24 cm. colagem eletrônica impressa sobre papel fotográfico. 2025; 4- Sem título, 30,5 x 30,5 cm - impressão, colagem em papel e assemblagem sobre tecido. 2019; 7- Sem título, 18 x 24cm. lápis aquarela, grafite, carimbo, colagem e impressão sobre papel. 2017; 8 - Sem título, 10 x 15 cm. impressão em papel fotográfico. 2025.

Ao revisitar o antigo slide, percebo que ainda posso sentir os cômodos da nossa casa preenchidos por nossos vazios. Suspendo-nos na imagem pausada, mas os fungos insistem proliferar, transpassando o corredor em seus planos de intensidades. Quero espreitar com tinta e pincel a duração dos olhares de quem capturou aquela imagem e daquele eu que se deixou capturar. Aos poucos, a captura da imagem faz com que (um) eu se desloque para outro lugar. Onde realmente essa captura se dá? O que eu, agora, e eles, outrora, o que nós buscávamos espreitar separadamente juntos? É possível que haja aí uma multiplicidade em jogo? Uma dobra? Talvez seja apenas um desejo de estabelecer o encontro entre as ausências. Mas, nunca as considere como se fossem ausências quaisquer. São significativamente ausências presentes – estavam lá, se entreolhando na interrupção do tempo do corredor, e agora se entreolham por uma fresta da memória entre fungos.



Sem título - 100 x 0,64cm. Acrílica e pastel oleoso, sobre cartão. 2017

Minha cara Casa Guapira

Escrevo-te pelas frestas da memória, onde tudo começou.

Guapira, vem do Tupi e quer dizer “lugar onde nasce um vale”. Em ti, nasceu também a minha morada existencial.

Foi em novembro de 1964 que me acolheste, recém-nascido, sob teu abrigo. Aos poucos, aprendi a reconhecer tua vastidão e a perceber meu corpo crescendo entre teus cômodos, como se cada parede me ensinasse o contorno da vida.

Tu te erguias sólida, no alto do terreno íngreme, casa ativa de escadaria curva, com a lateral da fachada revestida por azulejos onde uma caravela portuguesa se equilibrava sobre um mar revoltoso. Índícios de futuro? Presságios, talvez.

Da tua varanda, todo o horizonte se abria, recortado ao longe pela delicada irregularidade azul-violeta da Serra da Cantareira. Foi ali que provei, pela primeira vez, o sabor da jabuticaba, fruto inaugural da memória.

Antes de mim, já abrigavas minha família de classe média: meu pai, minha mãe, minhas duas irmãs e o cão dócil. Abrias tuas portas para o convívio e as celebrações. Nos dias festivos, as mulheres da casa ocupavam-se da cozinha, e tu escutavas as suas lamúrias e risos entre panelas e vapores. Teus sons, tuas cores, teus cheiros... todos ainda me habitam.

Do lado de fora da cozinha, uns poucos degraus e uma mureta baixa te separavam do quintal, chão de cacos cerâmicos cor de telha, salpicado de fragmentos amarelos e pretos. Ali, num dos teus flancos, quase encostada ao muro de arrimo que te sustentava contra o terreno vizinho, repousava tua piscina desmedida, revestida de azulejos brancos, onde o sol só conseguia brincar de espelhar o céu em seu fundo de água rasa.

O quintal conduzia à edícula, o teu último respiro. No andar de cima, moravam um tio e duas tias, que eram irmãos de meu pai. Eu adorava estar ali, ao cair da tarde, ouvindo Chico Buarque ou Elis Regina na vitrola, enquanto minhas mãos exploravam as capas dos discos de vinil. Era uma outra forma (de)morada da minha presença, e uma presença tua em outro tom. Bastava atravessar o quintal e o mundo mudava de plano.

No térreo da edícula, minha mãe, Dona Irene, costurava sonhos e tecidos em sua sala de costura. Ao lado, vivia Irene, a empregada, negra, deficiente e austera, que varria teus cantos com o cabo da vassoura encaixado na axila.

As Irenes se ocupavam de ti como quem zela por um mesmo corpo, unidas na tarefa e divididas pela vida. E tu, casa, continhas em ti o rumor de todos nós.

Os meus sete anos foram os últimos que testemunhaste. Jamais esquecerei o dia em que te deixamos vazia e demos a última espreitada pelos teus cômodos. Já não havia vestígios de nós em ti, mas tua presença, essa, permanece inteira em mim.

Da distância, volto a ti em palavras e imagens.
Seixal, outono de 2025

O corpo, sem mergulhar, adentra na piscina da memória semiesvaziada. Não há profundidade suficiente para o mergulho. Ainda que semi-imerso, sente-se inteiro naquela experiência de incompletude, de divisamentos que insistem separar o dentro e o fora. Por isso, só poderia imaginar-se em mergulho, porque estava ali, preso ao raso e escorregadio fundo de azulejos brancos, equilibrando-se na estranha gravidade entre o que imerge e o que emerge de si. Ressurge, então, projetando-se fora da piscina, deslocando-se para se ver completamente envolvido com a experiência da incompletude. No lugar de divisas, deseja desvios. Para isso, é preciso mergulhar em profundidade no raso da memória. Tempo de inseminar outras experiências.



Sem título - 80 x 100 cm. Acrílica e pastel oleoso, sobre cartão. 2017



1 - *Sem título*, 46 x 37 cm - impressão, acrílica, colagem em papel sobre tecido. 2017; 2 - *Sem título*, 37 x 57,5 cm - impressão, colagem em cartão. 2017; 3 - *Sem título*, 45 x 39 cm - impressão, acrílica, colagem em papel sobre tecido. 2017; 4 - *Sem título*, 14,5 x 19,5 cm - colagem, carimbo e impressão sobre papel. 2025; 5 - *Sem título*, 15 x 20 cm - lápis aquarela, grafite, carimbo, colagem e impressão sobre papel. 2017; 6 - *Sem título*, 32 x 23,5 cm - carimbo, guache, lápis aquarela, impressão sobre página impressa de enciclopédia. 2025; 7 - *Sem título*, 30 x 30 cm - impressão, acrílica, colagem em papel e assemblagem sobre tecido. 2017; 8 - *Sem título*, 15 x 21 cm - guache, impressão, carimbo, lápis aquarela sobre envelope. 2025; 9 - *Sem título*, 15 x 21 cm - lápis aquarela, grafite, carimbo, colagem e impressão sobre papel. 2017.



- 1 - *Sem título*, 23 x 23 cm - colagem eletrônica impressa em papel. 2017; 2 - *Sem título*, 17 x 22cm - lápis aquarela, grafite, carimbo, colagem e impressão sobre papel. 2017; 3 - *Sem título*, 56 x 71,5 cm - impressão, grafite e colagem sobre cartão. 2017; 4 - *Sem título*, 15 x 20 cm - colagem eletrônica impressa sobre papel fotográfico. 2017; 5 - *Sem título*, 15 x 20 cm - colagem eletrônica impressa sobre papel fotográfico. 2017; 6 - *Sem título*, 14,5 x 19,5 cm - colagem eletrônica impressa sobre papel fotográfico. 2017; 7 - *Sem título*, 15,5 x 37,5 cm - colagem, impressão sobre papel. 2017; 8 - *Sem título*, 32,5 x 37 cm - impressão, colagem em papel sobre tecido. 2017; 9 - *Sem título*, 29 x 53,5 cm - colagem, impressão sobre cartão e tecido. 2017;



- 1- *Sem título*, 27 x 17 cm - colagem eletrônica impressa sobre papel fotográfico. 2025; 2- *Sem título*, 14,5 x 19,5 cm - lápis aquarela, grafite, carimbo, colagem e impressão sobre papel. 2017; 3- *Sem título*, 57,5 x 49,5 cm - impressão, lápis de cor, colagem sobre papel. 2017; 4- *Sem título*, 21 x 26 cm - colagem eletrônica impressa sobre papel e tinta dourada. 2025; 5- *Sem título*, 14,5 x 20 cm - lápis aquarela, grafite, carimbo, colagem e impressão sobre papel. 2017; 6- *Sem título*, 35 x 64 cm - impressão, colagem sobre cartão. 2017.

À casa de veraneio da família

Foi na Cidade Ocian, no litoral sul de São Paulo, que te encontravas. Eras nossa casa de praia, e em ti vivi a intensidade dos veraneios da minha primeira infância. Cidade inventada para a classe média emergente paulistana, em plena ditadura. Estranhamente, tenho a sensação de que te habitávamos em constante compasso de espera. Mas nunca soubemos — ou dissemos uns aos outros — o que, de fato, esperávamos.

Ficávamos em ti eu, minha mãe e minhas irmãs durante toda a temporada, sem interrupções. Já meu pai estava conosco apenas aos fins de semana. Não eram férias para ele. Permanecia no seu ritmo de sempre, também sem pausas. Talvez a interrupção de nossos ritmos separados só ocorresse quando posávamos para os retratos.

Eu e minhas irmãs acordávamos e a mesa do café da manhã já estava posta. Minha mãe permanecia na cozinha. Era preciso adiantar o almoço antes de irmos à praia. Quando tudo estava encaminhado, ela sempre dizia: “só falta fazer o arroz quando voltarmos da praia”.

O que meu pai teria desejado ao escolher retratar-me no instante em que eu estava em tua sala, sozinho, ainda sonolento, a tomar meu café da manhã? Com essa foto, não estaria ele também fazendo um retrato de si? De ti? Tu não estavas vazia, mas a imagem aproxima nossas distâncias, e nos distancia da proximidade familiar. Afinal, em seguida, íamos todos deixar-te rumo ao horizonte oceânico. Este é o único retrato que tenho de ti — e da tua cor já quase não resta nada. Talvez o desbotamento dessa cena já existisse antes mesmo de a foto ser feita.

Na cidade, havia um parque de diversões que se acendia ao final da tarde. Um cinema sempre vazio, com sessões matinês e noturnas. Serenatas ao pé da estátua de Netuno. Nas férias de inverno, ocupávamos a praia com as bicicletas e com a dança das pipas no céu. No lugar do parque, acendia-se a quermesse.

Algumas tardes, caminhávamos, nós quatro, a beira mar até São Vicente. Eu, sempre afastado do grupo, parava de quando em quando para desenhar na areia com gravetos encontrados no caminho. Já a uma certa distância, minha mãe olhava para trás e acenava, convocando minha presença. Tudo poderia parecer calmo, e tudo parecia ser melancólico.

Cansados do sol e do mar, voltávamos para ti com desejo da acolhida. Minhas irmãs e eu discutíamos quem iria tomar banho primeiro e, enquanto esperava minha vez, ou esperava minhas irmãs estarem prontas para almoçarmos, me sentava no sofá, perto da janela onde te expunhas à vizinhança, e lia e relia os gibis como da *Brotoeja* e ou *Riquinho*.

Nisso, o arroz estava pronto. Comíamos, fazíamos a sesta e, por vezes, vagueávamos em caminhadas — outras vezes no parque, no cinema ou nas serestas. Mas sempre havia em ti gibis e romances impressos em papel-jornal, comprados no jornaleiro, o que nos fazia querer voltar para ti.

Da maresia de minha memória
José Cavalhero
Seixal, 2025



- 1 - *Sem título*, 32 x 23 cm - colagem eletrônica impressa sobre papel. 2025; 2 - *Sem título*, 33 x 41,5 cm - impressão, colagem e carimbo em cartão. 2017; 3 - *Sem título*, 64,5 x 92 cm - impressão, colagem, acrílica sobre madeira de demolição. 2017; 4- *Sem título*, 34 x 40 cm - impressão, carimbo e colagem em cartão.2017; 5- *Sem título*, 27,5 x 42 cm - impressão, colagem em cartão.2017; 6- *Sem título*, 5 x 8 x 9 cm - cartão, papel artesanal, carimbo e guache. 2025; 7- *Sem título*, 17 x 22 cm - colagem eletrônica em papel fotográfico. 2025; 8- *Sem título*, 12,5 x 17,5 cm - impressão em papel fotográfico. 2025; 9- *Sem título*, 15 x 20cm - lápis aquarela, grafite, carimbo, colagem e impressão sobre papel. 2017; 10 - *Sem título*, 35,5 x 46 cm - impressão, carimbo, colagem em cartão. 2017.



1- *Sem título*, 21 x 26 cm - colagem, impressão e assemblagem sobre cartão. 2025; 2- *Sem título*, 40 x 30 cm - impressão, colagem em papel e assemblagem sobre tecido. 2019; 3- *Sem título*, 25 x 70 cm - impressão, guache, colagem em papel e assemblagem sobre cartão texturizado. 2019; 4- *Sem título*, 100 x 80 cm - impressão, colagem, tule e encáustica sobre cartão. 2017; 5- *Sem título*, 30 x 21 cm - colagem eletrônica impressa sobre papel. 2025; 6- *Sem título*, 18 x 24 cm. colagem eletrônica impressa sobre papel fotográfico. 2025; 7 - *Sem título*, 30 x 42 cm - impressão e colagem sobre cartão. 2017.

À Casa da minha singularidade

Foste a casa em que vivi a minha segunda infância. Estavas na calmaria da rua Padre Azevedo, onde aprendi novas brincadeiras de rua com as crianças vizinhas. Recentemente, soube que este nome se refere ao religioso paraibano que inventou a primeira máquina de escrever, em 1861, mas que um norte-americano lhe roubou a patente. O que esse fato tem a ver com a nossa história? Não sei dizer, mas achei curioso te contar. Talvez, tu não tenhas sabido, assim como eu.

Lembro-me de tuas texturas, dos lisos e brilhantes azulejos, dos seixos castanhos que revestiam parte da parede externa, do gradeado de ferro pintado em branco, da pedra mineira que recobria o chão da entrada até a porta da sala. Eras tímida em cores e a árvore de jasmim-manga, quando floria, alegrava tua fachada,

Foi tu quem reservou um quarto para abrigar minha avó materna, viúva há tempos, pelo menos desde quando eu havia nascido. Negociava, semanalmente com meus pais, as noites que poderia ir dormir com ela. Momentos que se repetiam, como aqueles vividos na edícula da tua antecessora, Casa Guapira, ao visitar meus tios. Então, estar no quarto junto a minha avó, era também um modo de reinventar minha presença em ti e poder intensificar os afetos do amor.

Mas, foste também o abrigo da dor. Minha mãe estava a poucos meses de ter um filho e ao saber, por uma de minhas tias que o encontro com o esperado irmão não aconteceria, fez-me perceber que minha singularidade, como filho, se manteria para sempre.

Num domingo, depois de alguns dias desde que já estávamos acomodados em ti, meu pai, empunhando uma lanterna de pilha, decidiu fazer uma vistoria no porão, cuja porta de ferro, em formato quadrado, recortava o teu piso da garagem. Que segredos guardavas? O que poderíamos encontrar em tuas entranhas? A minha acelerada e curiosa imaginação não deixara sossegados os ouvidos de meu pai. Ao abrir a pesada porta, exalaste um forte cheiro úmido e envelhecido. A única coisa que víamos dessa tua parte, até então, eram os estreitos degraus iluminados pela lanterna e, quando findada essa cautelosa descida, havia apenas o teu interior vazio. Ao percorrer cuidadosamente o espaço com o foco de luz, vimos que guardavas uma pequena e estreita caixa.

Qual não foi minha surpresa ao descobrir que a caixa guardava um *Kit Revell* de aerodelismo – um pequeno tesouro adormecido em ti. Pedi-a a meu pai, que, horas depois, telefonou ao proprietário da casa e contou sobre o achado. E o tesouro, por destino ou ternura, acabou tornando-se meu.

Agradeço imensamente o presente que me ofertaste.

José Cavallhero

Da encosta do rio Tejo, 2024



Sem título - 7,5 x 7,5 x 7,5 cm. Cubo de acrílico, colagem e impressão sobre acetato. 2025



Sem título - 100 x 80 cm. Acrílica, nanquim, pastel oleoso lápis de cor sobre cartão. 2017

José Cavalhero



José, também nome de meu pai, de origem hebraica e significa “aquele que acrescenta ou dobra”.

Eu, em minha dobra, me fiz educador e artista visual, ocupando-me com a infância por longos anos em diversas instituições de ensino formais e não formais, dedicando-me principalmente a formação de adultos envolvidos com questões da criança.

Quando jovem, me formei em Artes Plásticas na Fundação Aramando Alvarez Penteadó, a FAAP, em São Paulo.

Ainda como estudante, já mais velho, tornei-me mestre em Psicologia Clínica, no Núcleo da Subjetividade da PUC de São Paulo, sob orientação de Suely Rolnik, com aulas de João Perci Schiavon e Peter Paul Pelbart. Aprendizados que me propiciaram, e ainda propiciam, criar tecituras entre arte, educação e clínica psicanalítica.

Aos 55 anos, decidi assumir minha trajetória artística ao me mudar para Portugal, realizando algumas exposições coletivas e individuais. Participei da Residência Artística no Armazém 56 arte-sx de 2020 a 2024, no Seixal. Durante esta trajetória, encontrei-me com a comunidade de artistas da NowHere Lisboa e, de lá pra cá, não mais me separei.

<http://lattes.cnpq.br/7422932971871099>

Site: <https://www.josecavalhero.com/>

Instagram: j.cavalhero

AGRADECIMENTOS

Adriane Klingenfus
Amélia Siegel Corrêa
Ana Paula Menezes
Charles Tubero
Claudia Lara
Cristiana Tejo
Eduardo Queiróz
Mariana Hartenthal
Gilceley Santos (in memoriam)
Helena Abrantes
Isaque Lara Aparecido
Juliana Barbosa
Laura Franciscato
Maialu Ferlauto
Marcelle Cortiano
Marcelo Menezes
Maria Clara Andrade
Mariana Bentivoglio
Mirtes Rossetto
Rafael Codognoto
Sada Mohad
Suiá Ferlauto
Themis Robert Salem

CORPO PRESENTE

CURADORIA e EXPOGRAFIA

Marília Diaz e José Cavalhero

PRODUÇÃO

Marcelle Cortiano | Juliana Z. Barbosa

MONTAGEM

Rafael Codognoto

Marcelle Cortiano | Juliana Z. Barbosa | Astrud Barbosa
Isabelle Victória Barbosa Andrade | Felipe Cardoso de Biagi
Silos Lucas Lage | Thais Wroblewski

AÇÕES EDUCATIVAS E MEDIAÇÃO

Marcelle Cortiano | Juliana Z. Barbosa | Astrud Barbosa
Felipe Cardoso de Biagi Silos | Isabelle Victória Barbosa
Andrade Lucas Lage | Thais Wroblewski

COMUNICAÇÃO

MusA-UFPR | SUCOM-UFPR

IDENTIDADE VISUAL E DESIGN GRÁFICO

José Cavalhero

MANUTENÇÃO E PINTURA

Agilson Rodrigues da Luz e equipe

LIMPEZA E SERVIÇOS GERAIS

Maria Zilda Neves Mycykowski e equipe



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REITOR Marcos Sfair Sunye

VICE-REITORA Camila Girardi Fachin

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA Andréa Berriel Mercadante

COORDENADORA DE CULTURA Lais Murakami

MUSEU DE ARTE DA UFPR

CHEFE do MusA Patrícia Guilhem de Salles

NÚCLEO ADMINISTRATIVO Mariana Bentivoglio Vieira dos Santos

NÚCLEO EDUCATIVO Juliana Z. Barbosa

NÚCLEO de COMUNICAÇÃO, DIFUSÃO e PRODUÇÃO CULTURAL Marcelle Cortiano

RECEPÇÃO Andressa Lara de Souza

MONITORAMENTO e VIGILÂNCIA David da Mota Santos